



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RONZANI, Paulo. S. V. A psicoterapia corporal e as manifestações amorosas no tratamento. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

A PSICOTERAPIA CORPORAL E AS MANIFESTAÇÕES AMOROSAS NO TRATAMENTO

Paulo Sergio Villela Ronzani
Sandra Mara Volpi

RESUMO

O presente artigo relata de onde vem e o que é a Psicoterapia Corporal. Entre as abordagens que tratam os problemas emocionais são citadas a Vegetoterapia Caracteroanalítica, sistematizada por Federico Navarro, e a Bioenergética, criada por Alexander Lowen. Discute os objetivos da psicoterapia, o uso de técnicas corporais, a transferência e as manifestações amorosas durante o processo terapêutico. Como essas últimas constituem importante material de trabalho psicoterapêutico, o texto dá referências de como interpretá-las e manejá-las, podendo o psicoterapeuta exercer bem o seu papel e ajudar o seu paciente a amadurecer e construir uma vida mais feliz.

Palavras-chave: Bioenergética. Contratransferência. Erotismo. Transferência. Vegetoterapia.



A psicoterapia é uma relação de ajuda que acontece, no mínimo, entre duas pessoas, compartilhando certa intimidade. Na Psicologia Corporal, os recursos técnicos requerem contato próximo, olho no olho, por meio de toques, massagens e outros exercícios que mobilizam as emoções e reativam a história do paciente.

A emergência de manifestações amorosas é um aspecto fundamental no decorrer de um processo psicoterapêutico e deve ser abordada de maneira apropriada a fim de que o psicoterapeuta possa preservar a saúde e a integridade da relação, do paciente e do objetivo a que esta se propõe.

Trata-se de uma situação delicada, para a qual o psicoterapeuta precisa estar esclarecido com o intuito de agir em prol de uma ética que vise o bem estar do paciente e o seu crescimento. Tal fenômeno deve ser discutido para a redução das chances de iatrogenia, que são os efeitos nocivos causados pelos erros cometidos por quem conduz o tratamento.

A escolha desse tema se deve ao fato de, na experiência clínica cotidiana, a ocorrência de manifestações amorosas no processo terapêutico fazer parte do mesmo e, por vezes, tornar-se mobilizante para o psicoterapeuta ainda inexperiente. Quando



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RONZANI, Paulo. S. V. A psicoterapia corporal e as manifestações amorosas no tratamento. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

mal interpretada ou manejada de forma incorreta, pode interferir na função do psicoterapeuta e prejudicar o resultado do tratamento. Especialmente aos jovens psicoterapeutas a presente discussão torna-se relevante, para que possam ter consciência de que se trata de importante material de trabalho, o qual deve ser encarado com seriedade, sabendo bem qual o seu papel nessa manifestação, e tratado com acolhimento e afeto.

Numa retrospectiva histórica do desenvolvimento das técnicas psicanalíticas, desde os seus primórdios, no início do século XX, é possível identificar o esforço de jovens analistas da época, entre os quais, Wilhelm Reich, de buscar a inserção de uma abordagem corporal no tratamento dos distúrbios emocionais: “A formulação de Reich a respeito da identidade funcional entre tensão muscular e o bloqueio emocional, foi um dos grandes *insights* desenvolvidos no curso da terapia analítica de problemas emocionais” (LOWEN, 1977, p. 30).

De sua experiência numa clínica psicanalítica pública, em Viena, durante os anos 1922 e 1930, Reich (1990) fez suas primeiras formulações teóricas sobre a importância da sexualidade para a vida humana, sendo a Teoria do Orgasmo, baseada numa concepção econômica e energética das neuroses, a construção central do seu pensamento.

Denominando estase a energia acumulada e obstruída pelas dificuldades da vida sexual adulta provindas de conflitos da vida instintiva, desde tenra idade, segundo o autor, tal energia não descarregada alimenta os sintomas psíquicos e físicos, podendo eclodir quadros de doenças a que ele chamou biopatias. Dificuldades de expressão, de compreensão cognitiva e de ação produtiva são provocadas por esse acúmulo de energia.

A partir de observação dos casos tratados nessa clínica, verificou os seguintes resultados: enquanto os que haviam estabelecido uma vida sexual satisfatória conseguiam manter a estabilidade do quadro na saúde, os que não conseguiram ou viviam em abstinência ou não atingiram a Potência Orgástica (PO), recaíram. Como o orgasmo genital tem a possibilidade de eliminar a fonte energética do sintoma neurótico, que é a estase energética, potência e impotência orgástica constituem um critério diagnóstico de saúde e de doença:



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RONZANI, Paulo. S. V. A psicoterapia corporal e as manifestações amorosas no tratamento. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

Por potência orgástica entendemos a capacidade no ser humano, de atingir uma satisfação de acordo com a estase libidinal do momento; mas também de atingir frequentemente essa satisfação, permanecendo pouco sujeito às perturbações da genitalidade, que afetam por vezes o orgasmo mesmo num indivíduo relativamente são. A potência orgástica existe sob certas condições, que encontramos apenas no indivíduo capaz de satisfação e de atividade; no indivíduo neurótico, estas condições estão total ou parcialmente ausentes (REICH, 1990, p. 41).

Noutras palavras, a PO é a possibilidade de abandonar-se ao fluxo da vida, entregando-se sem quaisquer inibições à excitação sexual, por meio de voluntárias e agradáveis convulsões do corpo. Tal capacidade favorece a descarga da excitação sexual reprimida. Nessa perspectiva, o objetivo da psicoterapia é promover a satisfação sexual plena, livre de inibições, para que o paciente consiga ter satisfação no amor, no trabalho e no conhecimento.

A Psicologia Corporal, no entendimento de Volpi (2005), propõe-se a estudar a inter-relação mente e corpo em suas manifestações comportamentais e energéticas, segundo os pressupostos teóricos reichianos, pós-reichianos e neorreichianos, cujo objetivo é levar o paciente a aprender a regular a sua própria energia e, por consequência, seus pensamentos e emoções.

Expoentes de uma nova geração que deu continuidade ao legado de Reich, Federico Navarro sistematizou sua técnica da Vegetoterapia Caracteroanalítica, e Alexander Lowen criou a Bioenergética. Ambas abordagens consideram os aspectos transferenciais e constratransferenciais, que através do contato físico próximo torna o trabalho psicoterapêutico mais afetivo.

Navarro (1996) apresenta recursos para promover, a partir de um projeto terapêutico, o amadurecimento funcional do paciente até que este possa chegar ao modo de funcionamento do caráter genital, referência de saúde emocional na visão reichiana, adquirindo, assim, maior capacidade de viver com equilíbrio físico, emocional, social e energético.

Metodologia terapêutica que atua sobre o sistema neurovegetativo e exerce influência sobre o temperamento, a Vegetoterapia interfere nas tensões corporais crônicas, em que estão os bloqueios da energia vital, liberando a sua circulação. Além de trabalhar com o corpo, respeitando o ritmo de cada paciente, ela é



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RONZANI, Paulo. S. V. A psicoterapia corporal e as manifestações amorosas no tratamento. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

caracteroanalítica, ou seja, promove a elaboração das sensações, dos pensamentos e sentimentos, bem como a dinâmica da relação terapêutica, tendo como referência os traços de caráter do paciente: núcleo psicótico, *borderline*, psiconeurótico ou neurótico.

Trabalhando gradualmente na dissolução dos bloqueios energéticos que compõem a couraça psicológica ancorada no corpo, o psicoterapeuta habilitado torna possível ao paciente fortalecer seu eu, amadurecendo-o, dando-lhe nova condição qualitativa de estar consigo, com o outro e o mundo.

Como boa parte dos sintomas biopáticos tem como causa a distonia neurovegetativa (desequilíbrio no funcionamento do simpático e parassimpático, que mantém a sintomatologia e as tensões crônicas em vários níveis corporais), a Vegetoterapia intervém nos bloqueios corporais através dos *actings* (movimentos neuromusculares simples, intencionais e ativos) “[...] que provocam reações neurovegeto-emocionais e musculares capazes de reestruturar uma psicoafetividade sadia” (NAVARRO, 1996, p. 15).

Os *actings* são trabalhados no sentido cefalocaudal, passando pelos sete níveis corporais (ocular, oral, cervical, torácico, diafragmático, abdominal e pélvico) e respeitando as condições de amadurecimento em cada um, para se passar ao desbloqueio do seguinte.

A busca do reequilíbrio neurovegetativo é acompanhada da Análise do Caráter, que torna o paciente capaz de compreender sua forma de agir e reagir diante dos fatos e/ou pessoas, podendo, através da conscientização de suas atitudes (o que faz, como faz e a que esse comportamento está ligado), adquirir maior mobilidade biopsíquica.

Ao apresentar a Análise Bioenergética ao público, Lowen (1977) levantou a seguinte questão: se os problemas emocionais envolvem as sensações e os sentimentos que provocam pensamentos concomitantes, quais seriam os meios mais eficazes para uma terapia tratar os distúrbios emocionais? O autor partiu da tese fundamental de que corpo e mente são funcionalmente idênticos, ou seja, o que acontece em um afeta o outro, e por todo esse funcionamento perpassam processos energéticos em termos de carga e descarga.

Sendo assim, a terapia Bioenergética aborda os fenômenos psíquicos a partir de procedimentos somáticos (corporais), trabalhando, por meios de procedimentos



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RONZANI, Paulo. S. V. A psicoterapia corporal e as manifestações amorosas no tratamento. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

manipulatórios e exercícios bioenergéticos, para liberar a tensão emocional e corporal retida nos músculos. Esse processo ajuda a pessoa a entrar com contato com suas tensões, dissolvendo-as, liberando o movimento espontâneo e a expressão das emoções, de forma a atingir os fenômenos psíquicos, melhorando o humor, a capacidade para o trabalho, o bem estar, a vitalidade e o movimento da busca pelo prazer na vida.

Ao dissolver a rigidez muscular, a energia vegetativa flui pelo corpo, reativa lembranças da infância que, acompanhadas da emoção correspondente, libera o afeto da repressão. Como emoção significa movimento de descarga para fora (*ex-movere*), todo problema emocional estará envolvido com um bloqueio do fluxo de energia, o qual será trabalhado na terapia.

Cada problema emocional reduz a mobilidade do organismo e Lowen (1977) descreve as formas como se estruturam os distúrbios neuróticos e psicóticos da vida emocional humana. Caracterizando os tipos de caráter psicótico (esquizofrênico e esquizoide) e os tipos de caráter neurótico (oral, psicopata, masoquista, histérica, passivo-feminino, masculino-agressiva e fálico-narcisista), o autor mostra a etiologia da estrutura, seu modo de funcionamento e a relação psicossomática das formas – no nível somático e psíquico – de cada caráter, e como a terapia atua no tratamento do sofrimento humano, em cada caso.

O uso da respiração foi uma importante inovação que Reich implementou na técnica terapêutica analítica. Segundo Lowen (1977), para que se obtenha consciência do funcionamento do corpo, faz-se necessário um movimento interno que desperte as sensações, de modo que a respiração possibilita esse contato e aumenta a carga energética do organismo.

Diante disso, o psicoterapeuta necessita ter conhecimento da dinâmica das estruturas de caráter, associado ao treinamento e à habilidade para estar com o paciente. Dessa maneira, precisa estar em contato com suas próprias sensações e sentimentos, com afeto e humanidade, levando para a relação terapêutica sua individualidade e seu calor.

Na Psicologia Corporal, mais importante que o intelecto é o contato com as próprias sensações: abrir o coração para sentir, ouvir com o coração, aguçando todos



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RONZANI, Paulo. S. V. A psicoterapia corporal e as manifestações amorosas no tratamento. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

os sentidos para compreender o que se passa. É comum o psicoterapeuta orientar o seu paciente: “Pare, respire e sinta o que está acontecendo com você neste momento”.

A perspectiva do tratamento nas duas abordagens é a de reduzir a patologia, melhorando o funcionamento do organismo, já que a imobilidade é a condição da neurose. A combinação do trabalho do corpo com a mente pretende auxiliar a pessoa a resolver seus problemas emocionais, aumentando sua disposição para viver melhor consigo mesma, com os outros, tendo uma vida de prazer e alegria.

Reich (2003) cunhou o termo **sensação de órgão** para nomear um instrumento de pesquisa natural: o psicoterapeuta precisa, com as próprias sensações, emoções, reações e ideias, além de compreender a expressão do paciente no olhar, na face e nos gestos, considerar a importância da sua impressão imediata quando o paciente está à sua frente.

Autopercepção e percepção do mundo passam pelas impressões sensoriais, que devem refletir o que os movimentos vivos expressam. Para isso, o psicoterapeuta precisa respirar e sentir-se, fazer contato com suas próprias sensações e emoções, tendo um aparelho sensorial que capta a realidade objetivamente, não perturbado pela rigidez neurótica ou pela fragmentação psicótica. Sua sensação o ajuda na construção dos seus julgamentos, a partir de suas próprias impressões.

Fréchette (2009) destaca a circulação energética no corpo e a pulsação como condições essenciais à saúde da pessoa: um fluxo e um refluxo de ondas de excitação pelo corpo, de baixo para cima, na parte posterior, inversamente, de cima para baixo, na parte anterior; do centro para a periferia, nos momentos de expansão, força e prazer, e o seu contrário, da periferia para o centro, nos momentos de defesa, luta ou angústia.

Segundo a autora, o objetivo da terapia bioenergética é dissolver o estado crônico de contração do organismo, proveniente de conflitos emocionais, desde tenra idade, quando as demandas instintivas nas fases oral, anal e genital, encontraram frustrações a partir das respostas do entorno familiar. As crianças aprendem a lidar com a falta de atitudes adequadas por parte dos adultos, enrijecendo-se e criando bloqueios energéticos pelo corpo, que impedem tanto a circulação quanto a pulsação, prejudicando a economia energética do organismo.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RONZANI, Paulo. S. V. A psicoterapia corporal e as manifestações amorosas no tratamento. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

O paciente “transfere” atitudes infantis para a relação com o psicoterapeuta, de forma semelhante às que outrora foram vivenciadas com os pais ou educadores. Segundo Reich (2004), o manejo de tais atitudes transferidas criam um problema para o tratamento, de forma que a relação do paciente com o psicoterapeuta pode assumir tanto uma natureza positiva, com sentimentos de confiança, ternura, quanto negativa, com sentimentos de desconfiança, raiva reprimida, dúvida. Como essa ambivalência de sentimentos é comum a toda forma de transferência, podendo tornar-se resistência ao tratamento, o psicoterapeuta necessita saber manejá-la.

O processo psicoterapêutico visa o estabelecimento de uma transferência positiva duradoura, a partir da libertação da libido genital de sua condição de recalque, eliminando as influências da pré-genitalidade (demandas orais e anais) que impedem a manifestação de amor genuíno emergir na transferência, sem ambiguidades. Por genuíno deve-se entender um empenho objetual forte, não ambivalente e sim erótico, que cria o alicerce para uma relação intensa com o psicoterapeuta, capaz de suportar estes desafios provocados pelo processo de análise: superar as resistências, extrair conteúdos recalcados e provocar ab-reações carregadas de afeto. Isso vem a acontecer no final do tratamento. Antes, porém, é preciso reconhecer que, no início, não há transferência positiva genuína, apenas sinais ilusórios semelhantes a ela. Reich (2004) reconheceu três tipos de transferência que encobrem uma negatividade: a positiva reativa, a de devoção ao psicoterapeuta e a de desejos narcísicos. Todas essas transferências não são de amor genuíno, mas um pedido de amor desesperado, que pode perder a força do seu interesse diante de qualquer desapontamento.

O autor ensina que a transferência negativa deve ser logo desmascarada, evidenciando atitudes de crítica, depreciação e desprezo, que subjazem às atitudes de polidez ou indiferença do paciente, impedindo a ação terapêutica. Em suma, deve-se ficar atento à transferência negativa e narcísica, interpretá-las e elucidar suas ligações com a história do paciente. Consiste em erro do psicoterapeuta interpretar manifestações amorosas como genuínas, no início do tratamento, já que, provavelmente, trata-se de demandas de ser amado, reconhecido e valorizado por aquele que recebe as projeções.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RONZANI, Paulo. S. V. A psicoterapia corporal e as manifestações amorosas no tratamento. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

Há todo um trabalho a ser feito antes da libido genital ser colocada a serviço do paciente para que ele possa eleger um objeto de amor em sua vida e estabelecer com este uma relação amorosa – afetivo-sexual – satisfatória. Vivendo sua genitalidade, poderá viver a PO e, assim, regular sua própria economia da libido por meio da função genital. Antes, porém, o psicoterapeuta tem uma última tarefa: “O importante é que a libido objetal – liberada de todas as impurezas como o ódio, o narcisismo, a teimosia, a autopiedade, etc. – é ‘transferida’ do analista para outro objeto, que esteja de acordo com as necessidades do paciente.” (REICH, 2004, p. 138).

Quem contribui para a discussão sobre transferência e contratransferência em Psicoterapia Corporal é Samson (2009), especificamente em como tornar possível a intervenção corporal numa relação permeada por projeções: transferência é a repetição de padrões relacionais do passado do paciente na sessão com o psicoterapeuta, e contratransferência, a repetição dos padrões deste para com o paciente. Isso produz uma interferência no processo terapêutico.

A transferência pode ser positiva ou negativa, ambas podendo assumir a forma defensiva ou criativa. Na positiva criativa, o paciente aceita vivenciar as técnicas na busca de aprender a se curar, e são experimentadas com prazer, segurança e bem estar. É o caso em que o toque do psicoterapeuta funciona como um alimento para a alma:

Ser tocado com compaixão e respeito pode ter um efeito curador profundo na pessoa do cliente, quando aplicado neste estado transferencial. Mesmo o colo do psicoterapeuta pode ser bastante curador. Já fiz muitas sessões de terapia com o cliente deitado no meu colo sem falar nada, às vezes chorando, outras dormindo. São sessões profundamente transformadoras. Mas pegar um paciente no colo quando está em transferência positiva defensiva dá uma sensação de vazio imenso. Já vivi sessões em que o cliente estava no meu colo e pude sentir uma longa distância entre nós dois. É apenas uma tentativa de contato que fica impedida pela defesa expressa na transferência positiva (SAMSON, 2009, p. 11).

A transferência negativa consiste nos estados em que o paciente traz sentimentos negativos para a relação terapêutica. Ela pode ser defensiva, quando a relação vive o impasse, e o vínculo é rompido por uma resistência que não foi possível ser trabalhada. Na sua forma criativa, o cliente toma consciência de sua repetição no padrão relacional com o psicoterapeuta, quando projeta sobre este seus sentimentos



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RONZANI, Paulo. S. V. A psicoterapia corporal e as manifestações amorosas no tratamento. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

negativos, mas a força do vínculo permite a expressão desses sentimentos negativos, podendo ser trabalhados na situação transferencial.

Samson (2009) adverte que as técnicas da Psicologia Corporal, por meio das quais o psicoterapeuta observa o corpo do paciente e a forma como se expressa, podem seguir um modelo, mas o momento e o jeito de aplicá-las não seguem regra. Noutras palavras, é preciso estar em relação, prestar atenção aos diversos tipos de transferência e contratransferência tanto positivas quanto negativas, para moldar a técnica às necessidades do processo terapêutico.

Ao realizar um estudo sobre o toque na psicoterapia, Hilton (2001) examina os motivos, a forma e os diferentes significados do toque para o paciente, levando em consideração os aspectos transferenciais e contratransferenciais da relação:

Touchar o paciente acrescenta calor às áreas congeladas e contraídas do corpo. Isso pode ajudar a trazê-lo de volta à vida, mas também reativará a dor ligada ao motivo pelo qual ele se contraiu. Portanto, o toque muda o equilíbrio do corpo, trazendo de volta a fúria, a tristeza, o amor e o medo que foram congelados e enterrados. (HILTON, 2001, p. 204).

O psicoterapeuta bioenergético pode ajudar o paciente a compreender como ele teve que se proteger, congelando, e quais emoções ele precisa experimentar conscientemente para libertar-se do trauma. O organismo que precisou contrair-se para sobreviver agora pode entrar em contato com a dor e expressá-la, libertando-se para viver a vida de forma mais feliz. Pulsar entre a contração e a expansão gera um estado de equilíbrio energético do corpo, cujo funcionamento reduz a ansiedade.

O autor adverte que, numa relação transferencial, o toque do psicoterapeuta pode ser interpretado pelo paciente de maneira totalmente diversa de sua intenção: “Qualquer toque precisa ser entendido à luz da transferência e do quadro de referência do paciente.” (HILTON, 2001, p. 207). O toque pode produzir raiva, medo, excitação sexual ou outra reação emocional que foi frustrada ou incentivada na família do paciente. Diante disso, o psicoterapeuta deve assumir a responsabilidade pelos efeitos do seu toque no processo terapêutico.

Ao indicar a prática dos exercícios bioenergéticos, Lowen (1985) recomenda fazê-los com carinho, cuidado e interesse pelo próprio corpo, para que seus benefícios possam surpreender quem os realiza. Ressalta que, se forem realizados



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RONZANI, Paulo. S. V. A psicoterapia corporal e as manifestações amorosas no tratamento. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

mecanicamente, não obterão resultados e, de forma compulsiva, não experimentarão tudo que eles podem oferecer.

O trabalho com a respiração, tanto em Vegetoterapia quanto em Bioenergética, tem como objetivo fazer o paciente entrar em contato com suas tensões, carregar-se energeticamente para poder expressá-las, liberando a contração que o impede de respirar naturalmente. A boa respiração é essencial para manter o fogo do metabolismo aceso, tornando a saúde mais vibrante.

O conceito de ressonância, para Boadella (1983), caracteriza-se como um tipo de sintonia na relação terapêutica, em que a interação entre psicoterapeuta e paciente acontece num nível mais profundo. É responsabilidade daquele verificar seu próprio estado emocional, seu tom de voz, sua expressão no olhar, sua respiração e sua sensação no contato com o paciente. Dessa forma, pode ir trabalhando para levar o paciente a sintonizar suas próprias sensações e sentimentos, aumentando a interação e a espontaneidade entre ambos.

Quando há ressonância, a linguagem corporal expressa confiança; não se esforça para comunicar. Tudo fica mais vibrante quando psicoterapeuta e paciente entram e saem do contato com o núcleo bioenergético que, segundo Lowen (1977), é de onde partem as expressões que vêm do coração.

Quando as necessidades emocionais de uma criança esbarram numa frustração com a resposta do seu entorno familiar, temos o que Boadella (1983) denomina padrão de interferência. Seu contrário propicia um desenvolvimento saudável, não neurótico, quando as crianças podem crescer com respostas adequadas às suas necessidades e não às dos adultos ou das instituições.

Padrões de interferência na relação, transferência e contratransferência distorcem o contato entre psicoterapeuta e paciente. Tal distorção ocorre como reflexo causado pela história de ambos, interferindo na relação atual. Transpor a transferência é o que leva a relação a um padrão de ressonância, que é a sintonia, a comunicação clara e livre de interferências históricas.

Falar de ressonância é tocar na questão do vínculo entre duas pessoas que trabalham juntas para solucionar um problema ou vencer uma dificuldade. Enquanto os



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RONZANI, Paulo. S. V. A psicoterapia corporal e as manifestações amorosas no tratamento. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

padrões de interferência estiverem presentes, estarão distorcendo o vínculo, dificultando o padrão de ressonância.

O autor expõe dois extremos dessa distorção no vínculo: o superdistanciamento, em que o psicoterapeuta se mantém numa posição esquizoide como “mantenha distância”; e o superenvolvimento, em que o psicoterapeuta se sente sugado pelas necessidades do cliente e começa a se ver ameaçado por elas, como é o caso da demanda histórica “vamos ficar próximos”.

Em algum ponto, entre esses dois extremos, estará um relacionamento entre aquele que ajuda e o outro que deseja ser ajudado, não estando presente o medo do contato profundo, facilitando, portanto, a construção do vínculo terapêutico. Dessa forma, é possível uma relação em que, apesar da intimidade, os limites existem e são precisos para proteger o psicoterapeuta de uma inundação pelas necessidades do paciente.

Se, na Psicanálise, como relata Baur (1997) em que o processo analítico acontece sem o contato físico, ocorrem manifestações amorosas, o que se pode imaginar sobre a Psicoterapia Corporal, na qual o corpo é trabalhado e, às vezes, até massageado?

Samson (2009) sublinha os ensinamentos freudianos, segundo os quais o analista deve manter o amor vivo sem retribuí-lo, numa forma de reativar a história do paciente no que se refere a elementos eróticos incestuosos do passado, possibilitando a revivência destes na relação transferencial.

Nessa situação, transferência e contratransferência entram no cenário da terapia com uma conotação erótica. A sexualidade do paciente faz parte do processo terapêutico, e o psicoterapeuta, a partir de sua própria sexualidade, pode compreender como está a do seu paciente e como este a vivencia, de modo que a contratransferência torna-se um instrumento de trabalho.

Se, por acaso, o psicoterapeuta usar o contato físico para atuar com sua própria sexualidade, ele estará rompendo o contrato terapêutico, configurando uma situação de abuso, erotizando a relação e destruindo qualquer possibilidade de que esta seja terapêutica, na medida em que todo toque passará a ser erotizando.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RONZANI, Paulo. S. V. A psicoterapia corporal e as manifestações amorosas no tratamento. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRIA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

O fato de, na Psicoterapia Corporal, existir o toque não significa que este é erótico, já que existem toques que transmitem outras mensagens a quem os recebe. Trata-se de um contato físico pelo qual se dá uma comunicação humana, que pode ser erótica ou não, da mesma forma que com as palavras.

Samson (2009) ensina que, quando o contato torna-se erotizado, este se transforma em material de trabalho e de elaboração, uma vez que, no processo terapêutico, o erotismo deve ser visto como participante da sexualidade e do amor, que fazem parte da história do paciente.

Desse modo, o toque faz aumentar a possibilidade de sentir o corpo, e o psicoterapeuta, com sua presença corporal, pode comunicar-se como um pai o faria com sua filha:

Eu percebo sua sexualidade quando você senta no meu colo, ela é muito bonita, você está se tornando uma mulher maravilhosa, e eu me orgulho disto, mas eu não preciso corresponder a ela. Posso participar do seu desenvolvimento como testemunha e como alguém que a admira e protege. Você não é minha parceira sexual, eu te ajudo a amadurecer sua sexualidade para que possa vivê-la com toda a sua intensidade quando for o momento certo e com o parceiro certo (SAMSON, 2009, p. 22).

O psicoterapeuta deve valer-se da empatia, da sua capacidade de sentir o outro para perceber o efeito do toque no paciente e a intervenção mais adequada para o momento, devendo, para isso, ter exercitado sua sensibilidade no seu próprio processo terapêutico. Além disso, na supervisão clínica, é primordial que o psicoterapeuta desenvolva capacidade de leitura da dinâmica psicoemocional do paciente, assim como sua humanidade, bondade, mas também sua agressividade, autonomia e gestão de suas pulsões, para o seu bem estar na relação de modo a evitar desvios na condução do processo (HORTELANO, 1998).

O toque torna a relação mais íntima, mas não necessariamente erótica. Corre-se o risco de despertar uma sexualidade incestuosa, que pode impedir o curso do processo. Toques terapêuticos devem provocar sensações de proteção, bem estar, derretimento de antigas defesas congeladas para fortalecer o ego, de modo que o paciente pode ampliar seu leque de padrões reativos.

O trabalho corporal, através do toque e do contato com a pele, provocando a sensação de *holding*, de acolhimento e de ternura, resgata a possibilidade de



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RONZANI, Paulo. S. V. A psicoterapia corporal e as manifestações amorosas no tratamento. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

reparação de danos causados nos primeiros anos de vida. Esse processo oferece ao paciente a possibilidade de preencher seus vazios existenciais, na medida em que o psicoterapeuta, com sua sensibilidade e conhecendo a história do paciente, passa a exercer a função de mãe ou pai que o paciente não teve, dando-lhe segurança ao estar com alguém em quem se pode confiar.

Quanto ao desejo sexual frustrado na infância, o corpo do psicoterapeuta funciona como apoio e tela de projeção. Desse modo, com a função de recriar o passado, para que este seja revivido na transferência, o psicoterapeuta, sem contratuar, deve aproveitar tal situação para ressignificar a experiência do paciente, acolhendo com afeto a intensidade de seu sentimento.

Enfim, partindo da concepção de Samson (2009, p.19) de que “transferir é criar uma situação de repetição do passado, para dar continuidade a ela no presente”, o psicoterapeuta, como objeto dessa repetição, tem o dever de não deixar a história se repetir como tal e de proporcionar ao paciente a oportunidade de agir de maneira distinta.

O que fazer para que a intimidade do relacionamento terapêutico seja menos ameaçadora a psicoterapeutas e pacientes? Tal como no caso da criança abusada que, ao romper o silêncio, coloca limite ao abuso, o psicoterapeuta também precisa procurar outro psicoterapeuta para uma supervisão clínica, na qual, discutindo os aspectos transferenciais e contratransferenciais da relação, o livrará de embaraços, podendo cumprir seu papel na construção da saúde emocional do paciente.

Para que as impressões do psicoterapeuta possam captar a realidade objetivamente, Reich (2004) afirma que este precisa encontrar-se em estado de mobilidade e expressão, para estar sensível, flexível e espontâneo. Assim, ele consegue perceber e compreender as expressões do paciente através de sua própria sensação. Chegar a essa condição requer fazer sua própria terapia, com outro psicoterapeuta experiente, tendo nisso o melhor instrumento de trabalho e de compromisso ético com os pacientes.

Considerando a importância dada à P. O. para a condição de saúde nas neuroses, segundo Reich (1990), é recomendável que o psicoterapeuta da Psicologia Corporal procure ter uma vida sexual satisfatória para que possa reagir aos processos



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RONZANI, Paulo. S. V. A psicoterapia corporal e as manifestações amorosas no tratamento. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

transferenciais e contratransferenciais de forma amena, podendo cumprir seu papel sem o risco de ser nocivo ao processo do paciente. Uma relação com o objeto de amor se dá na vivência sexual entre companheiros de vida, não com o paciente.

Por fim, resta dizer que, antes de se tornar um psicoterapeuta, existe um homem com sua história e seu caráter que, para exercer tal função e poder evitar desvios, deve trilhar um longo caminho de aprendizagem, que passa pelo próprio processo psicoterapêutico, por anos de supervisão clínica, por participação em seminários clínicos em que casos são discutidos e estudados. Na vida pessoal, precisa investir numa constante busca para ser uma pessoa coerente com seu discurso e com sua prática. Em outras palavras, deve haver em sua vida pessoal e sua prática profissional uma congruência, e não uma mistura. Obviamente, a construção do saber teórico é um processo concomitante e de humildade, buscando aprender com aqueles que deram origem à Psicologia Corporal, fundamentando-se em princípios e técnicas.

REFERÊNCIAS

- BAUR, S. **A hora íntima: amor e sexo na psicoterapia**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- BOADELLA, D. Transferência, ressonância e interferência. In: REICH, E. *et al.* (Org.). **Cadernos de Psicologia Biodinâmica 3**. São Paulo: Summus, 1983, p. 85-107.
- FRÉCHETTE, L. **Alguns aspectos fundamentais da Análise Bioenergética**. Apostila do curso de Especialização em Psicologia Corporal. Curitiba: Centro Reichiano, 2009.
- LOWEN, A. **O corpo em terapia: a abordagem bioenergética**. São Paulo: Summus, 1977.
- LOWEN, A. **Exercícios de bioenergética: o caminho para uma saúde vibrante**. São Paulo: Ágora, 1985.
- HILTON, R. O Toque na Psicoterapia. In: HEDGES *et al.* (Org.) **Psicoterapeutas em risco: perigos da intimidade na relação terapêutica**. São Paulo: Summus, 2001, p. 195-216.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RONZANI, Paulo. S. V. A psicoterapia corporal e as manifestações amorosas no tratamento. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

HILTON, V. W. Sexualidade no Processo Terapêutico. In: HEDGES *et al.* (Org.) **Psicoterapeutas em risco: perigos da intimidade na relação terapêutica** São Paulo: Summus, 2001, p. 217-260.

HORTELANO, X. S. La supervisión en clinica postreichiana. In: _____. **Energía, Carácter y Sociedad**. Valencia, Espanha: Escuela Española de Terapia Reichiana, v. 15 (1 y 2), p. 71-77, 1998.

NAVARRO, F. **Metodologia da vegetoterapia caracterológico-analítica: sistemática, semiótica, semiologia, semântica**. São Paulo: Summus, 1996.

REICH, W. A sensação de órgão como um instrumento de pesquisa natural. In: _____. **O Éter, Deus e o Diabo**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

REICH, W. **Psicopatologia e sociologia da vida sexual**. 2ª ed. São Paulo: Editora Global, 1990.

REICH, W. **Análise do Caráter**. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SAMSON, A. **Transferência e contratransferência em Psicoterapia Corporal**. Disponível em: <<http://www.ibpb.com.br/transferencia.doc>>. Acesso em: 16/07/2014.

VOLPI, J. H. **Quando o corpo somatiza os conflitos da mente**. Artigo do curso de Especialização em Psicologia Corporal. Curitiba: Centro Reichiano, 2005.

Paulo Sergio Villela Ronzani / Juiz de Fora / MG / Brasil - CRP-04/13681 - é Psicólogo, Especialista em Desenvolvimento Humano, Especialista em Psicologia Corporal pelo Centro Reichiano.

E-mail: psvronzani@gmail.com

Sandra Mara Volpi / Curitiba / PR / Brasil – CRP-08/5348 – Psicóloga, Analista Bioenergética (CBT) e Supervisora em Análise Bioenergética (IABSP), Especialista em Psicoterapia Infantil (UTP) e Psicopedagogia (CEP-Curitiba), Mestre em Tecnologia (UTFPR), Diretora do Centro Reichiano, em Curitiba/PR.

E-mail: sandra@centroreichiano.com.br